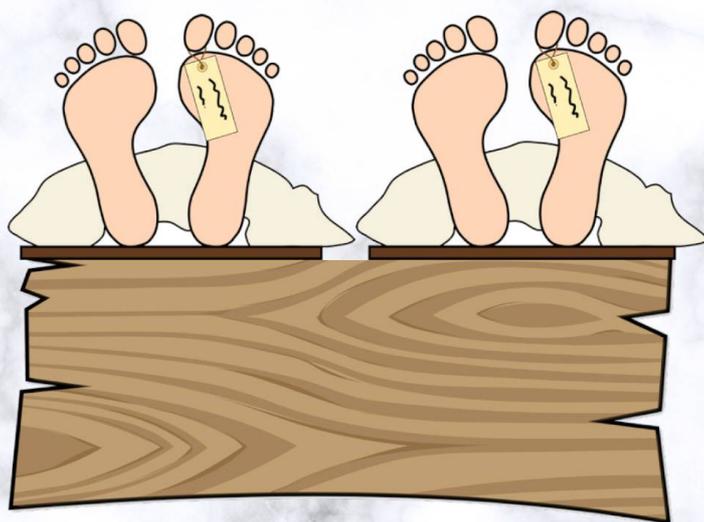


La Comédiathèque

Um caixão para dois

Jean-Pierre Martinez



Tradução de
João Bartolomeu Amorim

comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:
<https://comediatheque.net>**

Um caixão para dois

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução de João Bartolomeu Amorim

Quando dois candidatos eleitorais, no mesmo dia da eleição, devem também cremar os seus respectivos cônjuges, existe o risco de cremar os seus respectivos cônjuges, há o risco de recheiar as urnas. Especialmente quando o director funerário recrutou um agente funerário temporário com uma temperatura incontrolável.

Personagens

Abutre Impuro
Maria das Dores
Francisco Sapatilha
Porcina Leitão

Prólogo

(opcional)

A área de recepção de uma casa funerária, que na sua impessoalidade se assemelha a qualquer área de recepção de qualquer empresa. As duas atrizes que interpretam as duas mulheres neste prólogo serão as mesmas que desempenham os papéis de Maria e Porcina na peça que se segue. Estão vestidas de luto e ambas usam véus pretos para esconder a sua cara. Isto ajudará a evitar qualquer confusão com as personagens que irão representar a seguir. É também importante assegurar que estes dois pares de personagens sejam muito distintos no seu estilo (particularmente na forma como se vestem e se expressam). A primeira mulher chega. Ela tira um lenço da sua bolsa, seca uma lágrima e assoa-lhe o nariz. O seu telemóvel toca. Ela responde com uma voz muito afectada.

Mulher 1 – Sim...? Ah, é você... Sim, sim, estou agora na casa funerária. É verdade que já não o via há anos, mas mesmo assim. Continua a ser um choque. Queria vê-lo uma última vez...

A segunda mulher chega, também de luto e velada.

Mulher 1 – Desculpe, vou ter de o deixar. A minha irmã acaba de chegar. Telefone-lhe mais tarde, OK? Obrigado por ligar...

As duas mulheres beijam-se, friamente.

Mulher 2 – Ainda bem que me avisou. Nem sequer recebi um anúncio. Está aqui?

Mulher 1 – Sim.

Mulher 2 – Já o viu?

Mulher 1 – Sim.

Mulher 2 – Já se passaram pelo menos dez anos... Ele deve ter mudado, certo?

Mulher 1 – Ele está morto.

Mulher 2 – Sim... Na verdade, não tenho bem a certeza se o quero ver. Nunca vi um homem morto. Talvez seja melhor manter a imagem dele, pois foi a última vez que o conheci. Cheio de vida...

Mulher 1 – Vá lá. Faça-o por ele. Tenho a certeza que ele teria ficado feliz em vê-lo uma última vez

Mulher 2 – Certo.

Ela caminha sem convicção para o pátio e desaparece. A sua irmã é deixada sozinha e solta outra lágrima. A outra regressa depois de algum tempo, um pouco perturbada.

Mulher 1 – Você está bem?

Mulher 2 (*envergonhada*) – Não disse que era a porta à direita?

Mulher 1 – Sim, porquê?

Mulher 2 – Não é ele.

Mulher 1 – Já não o vê há dez anos. Ele deve ter mudado.

Mulher 2 – Ele não mudou de sexo, afinal de contas... É uma mulher no caixão.

Mulher 1 – Tem a certeza?

Mulher 2 – Uma mulher que não se parece de todo com ele, eh Não se apercebeu disso?

Mulher 1 – Esta manhã, fiquei tão perturbada. Deixei cair as minhas lentes de contacto no lava-loiça. Deve ser a porta à esquerda. Há duas câmaras funerárias... Vou dar uma vista de olhos.

Mulher 2 – Acho melhor...

Deixa o pátio, deixando a sua irmã ainda mais perturbada, e regressa após um momento.

Mulher 1 – Então?

Mulher 2 – Também não é ele.

Mulher 1 – Tem a certeza?

Mulher 2 – A menos que ele tenha escondido o facto de ser negro toda a sua vida... Deixe-me ver o anúncio. Talvez se tenha enganado no endereço. Há funerárias por todo o lado...

Mulher 1 – Oh, meu Deus... Fiquei tão aborrecida ao saber que ele estava morto. E agora nem sequer vamos poder assistir ao seu funeral.

Ela tira o anúncio da sua bolsa e entrega-o à sua irmã.

Mulher 2 (*olhando para o anúncio*) – Não, está aqui mesmo, não compreendo... (*Continuando a ler em voz alta*) Lamentamos informar-vos da morte do Senhor... Mas esse não é o seu nome!

Mulher 1 – Isso não é possível! Deixe-me ver...

Ela pega no anúncio de que a sua irmã a entrega, e olha para ela com olhos esguios, tentando compensar a ausência dos seus contactos.

Mulher 1 – Merda! Esse é o nome dos vizinhos... Acontece pelo menos uma vez por mês que o carteiro troca o correio nas caixas. Devo dizer que entre Martinez e Ramirez... Eu não reparei.

Mulher 2 (*consternada*) – Então ele não está morto...

A outra olha para ela com uma expressão lamentável.

Mulher 1 – Lamento muito... *(Silêncio envergonhado)* O que é que vamos fazer com a coroa?

Mulher 2 – Não esperes que o florista te devolva o dinheiro...? Imagina se os floristas começassem a reembolsar pelas flores depois dos funerais... Vamos deixá-la apenas para colocar flores na campa do seu vizinho.

Mulher 1 – Especialmente porque não parece que queiram fazer isso. Eles nem sequer vieram...

Mulher 2 – Isso é normal, tu é que tens o anúncio...

Mulher 1 – Merda, isso é verdade. Como lhes vou dizer isto...

Mulher 2 – Ah, sim... Acho que vais precisar de todo o tacto que conseguires reunir...

Mulher 1 – Bem... A boa notícia é que ele não está morto... *(Suspirando)* Nem imaginas como me custou dizer-lhe adeus!

Mulher 2 – Então é isso, eh?

Estão prestes a partir.

Mulher 1 – Oh, meu Deus...

Mulher 2 – Vais vê-lo?

Mulher 1 – Quem?

Mulher 2 – Bem, a ele!

Mulher 1 – Porque é que eu deveria ir vê-lo?

Mulher 2 – Não sei. Querias realmente dizer-lhe um último adeus. Para que o pudesses fazer enquanto ele ainda estivesse vivo.

Escuro.

Interlúdio curto com música fúnebre.

Acto 1

Recepção do escritório de um agente funerário, tal como qualquer outra empresa. Um telefone toca insistentemente em cima da secretária. O Sr. Abutre entra, a grunhir. Ele está vestido com toda a seriedade.

Abutre – Estou a chegar... Estou a chegar! Não sei qual é a pressa de todos hoje... Vão acabar comigo... *(Atende telefone)* Abutre Impuro Glórias Fúnebres ao seu serviço... *(Com amabilidade comercial)* Sim, Sr. Boamorte, vamos recebê-lo esta manhã... Perfeitamente, em carvalho com pegás douradas e estofos em verde maçã. A colecção outono-inverno, é isso... Mas sabe, o modelo Elizabeth 2 é um clássico. É intemporal. Não é o mais barato, é verdade, mas eu sei que a Madame Boamorte era muito namoradeira e tinha muito estilo. Acredite-me, com este modelo, nunca se fica desapontado. Em todo o caso, nunca tivemos nenhuma queixa, pois não? Terça-feira, está combinado... Prazer, Sr. Boamorte... Bem, quero dizer... Até terça-feira, Sr. Boamorte... E mais uma vez, lamentamos a sua perda... Divirta-se, Sr. Boamorte... Em vez disso... Até terça-feira Sr. Boamorte e, mais uma vez, todas as minhas condolências... *(Desliga)* Não sei onde está a minha cabeça... *(O telefone toca outra vez)* Merda de telefone! *(Pega)* Abutre Impuro, Glória funerária ao seu serviço... Ah, és tu, querida! Já foste ao médico? Estás com gripe...! Tive medo, com esta epidemia tão virulenta este Inverno... Bem, aqui o telefone não para de tocar... Ainda bem que me enviaram a nova colecção esta manhã... Espero não ter mais mortes... Não, não o digo por ti, querida... Mas a verdade é que estou sobrecarregado. Não, não era realmente o momento para adoeceres também... Estou eu aqui, sozinho... Não sei como vou conseguir... Bem, não, a rapariga que a agência me enviou ainda não chegou e já passa das nove horas. Estamos a começar bem... *(Olha pela janela)* Acho que ela está a chegar. Bem, vou deixar-te. Cuida-te, meu amor... Sim, eu também te amo...

Entra Maria das Dores, uma jovem com um aspecto inadequado para o trabalho (pode escolher, excessivamente sexy, ou hippie ou gótico, por exemplo).

María – Bom dia... Estou um pouco atrasada, eu sei...

Abutre – De facto... Uma falha da almofada logo no primeiro dia?

Maria – Nem pensar...! O despertador tocou a horas, levantei-me, tomei banho e tudo, tudo... Mas adormeci no autocarro e o motorista acordou-me no final da viagem. E, é claro, tive de seguir novamente em sentido contrário. *(O telemóvel toca e atende)* Com licença... Olá Pamela... Não, acabei de aterrar no trabalho... Sim, no Abutre Impuro. Por uma vez acordo cedo e adormeço no autocarro.

Abutre – Bem... Já chega...

Maria – Desculpa-me linda, eu ligo-te quando estiver mais calma, OK? *(Põe o portátil de lado)* Pamela, a minha colega.

Abutre – E qual é o seu nome?

Maria – Maria das Dores

Abutre – Maria das Dores...?

Maria – Há algum problema?

Abutre – Não... Acho mesmo que é um nome muito apropriado para este negócio.

Maria – É coisa dos meus velhos, eles estão muito chateados...

Abutre – O que não me agrada nada é a forma como se vestem.

Maria – O que há de errado com isso?

Abutre – Não sei... Disseram-lhe na agência que terá de atender os clientes?

Maria – Disseram-me que era um trabalho de recepcionista.

Abutre – Compreende que para este tipo de negócio, seria melhor que se vestisse de forma simples e austera.

Maria – Sim?

Abutre – Suponho que já tenha trabalhado como recepcionista?

Maria – Tenho um diploma de esteticista e trabalhei no Corte Inglês para a campanha de Natal.

Abutre – Uma esteticista? Sim, isso poderia ajudar-nos muito.

Maria – Se assim o diz...

Abutre – Não sabia que o Corte Inglês também se dedicava a estas coisas... É que eles vendem de tudo...

Maria – Eu estava em charcutaria...

Abutre – De certa forma, é a mesma coisa... Também temos cortes frios.

O telefone toca.

Abutre – Bem... Agora é altura de mostrar o que pode fazer... Terás de te desenrascar sozinha... Estou ocupado e não terei tempo para te ensinar. Pega no telefone e atenda-o...

Maria – Isso está feito... (*Atende o telefone*) Abutre Fiambres falando... Bem, não senhora, desculpe, deve ter cometido um erro... Não se preocupe. Adeus, minha senhora...

Abutre olha para ela com horror.

Maria – Há algo de errado?

Abutre – Estão a pregar-me uma partida, não estão? Tenho a certeza que há por aí uma câmara escondida.

Maria – Não sei do que está a falar... Foi uma senhora chorona que pensou estar a falar com a Funerária...

Abutre – E isto é uma agência funerária!

Maria (*em estado de choque*) – Não diga...?

Abutre – A Agência não lhe disse o que fazemos na vida?

Maria – Não, só que se tratava de isso, fiambres...

Abutre – É como um pesadelo... (*Em conformidade*) Bem, na verdade não deixam de ser fiambres infelizmente, não há nada que possamos fazer a esse respeito.

Maria – Então isto é uma casa funerária? Bem, eu nunca trabalhei num lugar como este antes...

Abutre – Tudo o que tem de fazer é atender o telefone e receber mensagens. Se alguém entrar, avise-me imediatamente. E, acima de tudo, não tome nenhuma iniciativa. De acordo?

Maria – Muito bem.

Abutre – Agora tenho de tratar do meu deputado...

Maria – Uma deputada?

Abutre – Sim, um deputado. São as primeiras eleições legislativas. Não reparou nos cartazes no muro do cemitério? Hoje à noite saberemos o resultado.

María das Dores dá uma vista de olhos aos cartazes.

María – Bem, vejo lá Porcina Leitão, e ela não parece estar doente...

Abutre – Não é ela, mas o seu marido, o Sr. Leitão, que é o deputado cessante. A sua esposa está de pé nas eleições para lhe suceder.

Maria – Sim...

Abutre – Hoje é o funeral do Sr. Leitão e estou a ter dificuldades em fazê-lo parecer apresentável... O corpo ficou submerso em água durante muito tempo e, claro...

María (*horrorizada*) – Na água?

Abutre – Sim, mas estou a fazer um trabalho de reconstrução perfeito, ali mesmo, na sala dos fundos... E acredite, não é nada fácil... Ficaria muito grato se, como esteticista, pudesse dar o toque final ao cadáver. Normalmente é a minha mulher que toma conta destas coisas, mas como ela não está aqui....

Maria – Quer dizer que eu...?

Abutre – Disse-me que tinha o título, não foi?

Maria – Sim... Mais ou menos...

Abutre – Bem, terá de me ajudar...

Maria – Sim... Claro...

Abutre – Confio em si, por isso vou deixá-la em paz por agora (*Ele vira-se para ela*) A propósito, espero uma entrega de alguns bens no decurso da manhã. Por favor, diga-me imediatamente...

Maria – Uma mercadoria? (*Horrorizada*) Quer dizer que eles vão trazer alguns cadáveres?

Abutre – Menina, aqui não chamamos "cadáveres" aos nossos clientes, chamamos-lhes os nossos queridos defuntos.

Maria – Se assim o diz...

Abutre – Além disso, não consideramos a sua chegada como uma "entrega de bens" mas como a última visita antes de irem para o além.

Maria – Está bem, está bem...

Abutre – Imagine-se a trabalhar numa agência de viagens. Os nossos clientes, de certa forma, fazem um cruzeiro, mas só com bilhete de ida (uma ida sem volta).

Maria – Estou a ver... Mas então que tipo de mercadoria é?

Abutre – Referia-me à entrega de caixões. A nova colecção. Aí está o catálogo.

Sai Abutre. Maria das Dores dá uma vista de olhos ao catálogo e parece enojada.

Maria – Foda-se! E chama a isto um cruzeiro...? (*Tira o telemóvel e marca*) Pamela? Não vais acreditar... Não consegues imaginar o trabalho que aqueles sacanas da agência encontraram para mim? Nada menos que um serviço fúnebre! O que tenho de fazer para ganhar a vida! Por enquanto, está tudo calmo aqui. Sim, como recepcionista... (*Telefone fixo toca*) Desculpa, tenho de te deixar... (*Guarda o portátil*) Abutre Impuro... Funerais a falar... Sim... Sim (*Toma nota*) A promoção do mês... Muito bem... O modelo Pino Basic... a 99 euros mais IVA... Perfeito... Digo-lhe, Sra. Leitão... Pode ter a certeza... Até breve, Sra. Leitão...

Ela pousa o telefone e respira um suspiro de alívio, mas apenas por um curto período de tempo quando um homem entra e se aproxima da mesa.

Maria – Traz a mercadoria?

José – O quê...? Não... Eu sou José Luis Rodrigues Sapatilha e tenho um compromisso com o Sr. Abutre... Para escolher um modelo.

Maria (*com um sorriso comercial*) – Vou chamá-lo... Se quiser, pode dar uma vista de olhos no catálogo... (*Ela entrega-lho*) É para um presente?

José – Não. É para a minha mulher...

Maria das Dores olha para ele pelo canto do olho enquanto o homem dá uma olhadela no catálogo.

Maria – Eu logo vi que não parecia um transportador.

José – Estava a dizer?

Maria – Desculpa, mas... acho que já o vi em algum lado...

José – Sim... A minha fotografia está por toda a cidade.

Maria – A polícia está à sua procura?

José – Ainda não... De momento só estou a concorrer às eleições (*Com um gesto ele aponta para os cartazes na parede do cemitério*) Sou eu, aquele que está nos cartazes...

Maria – José Luís Rodrigues Sapatilha, rival da Sra. Leitão!

José – Digamos antes, seu adversário...

Maria – Está a correr à direita, não está?

José – Não... longe disso. A Sra. Leitão sim... Eu sou do centro. Mas, sabe o que se diz: "o centro está em todo o lado".

Maria – Nunca teria pensado que trabalhando num lugar como este eu encontraria pessoas famosas.

José – Todos nós morremos um dia, mesmo os famosos...

Maria – Então também perdeu o seu cônjuge?

José – Sim...

Maria – Tive sorte...

José – Estava a dizer?

Maria – Com um falecido a seu crédito, a Sra. Leitão tinha uma vantagem, mas agora... as coisas estão mais equilibradas.

José – Acha que sim?

Maria – Claro... Olhe, se a avó de Obama não tivesse morrido pouco antes das eleições, acha que um homem negro teria sido eleito Presidente dos Estados Unidos?

José – Talvez tenha razão...

Maria – Não? Acredite em mim, a morte da sua mulher é a melhor coisa que lhe poderia ter acontecido... Quer dizer, estritamente de um ponto de vista eleitoral...

José – Vejo que está muito atenta à política internacional... A propósito, sabe se o Sr. Abutre está aqui?

Maria – Vou chamá-lo de imediato. (*Lendo o que diz no teclado do telefone*) Vamos ver... Câmara fria... Cozinha... Tanatopraxia... Não sei o que isso significa, mas vou carregar aqui, só por precaução (*Carrega na tecla correspondente e espera*) Senhor Abutre? O Senhor José Luís Rodrigues Sapatilha chegou... (*Aguarda*) Ele vem já ter consigo...

Ela desliga. Um silêncio algo embaraçoso. José Luís folheia o catálogo para ter algo que fazer.

José – E você já fez a sua escolha?

Maria – Não me parece que seja muito delicado da sua parte, Sr. Sapatilha. Ainda sou um pouco jovem para escolher um caixão...

José – Estava a referir-me às eleições... Às eleições de hoje. Já foi votar?

Maria – Não... Ainda não...

José – Então ainda pode votar em mim... Conhece o meu programa?

Maria – Tem um programa? Pensava que era um centrista?

Chegada de Abutre.

Abutre – Bom dia, Sr. Sapatilha. Sabe como lamento a sua perda...

José mostra uma vez mais um olhar de circunstância.

José – O que se pode fazer...? É o destino, não é...?

Abutre – Pelo menos ela teve uma boa morte.

José – Como assim...?

Abutre – Não?

José – Foi atropelada por um combóio..

Abutre – Desculpe, devo ter confundido com Madame Boamorte... Morreu na sua cama durante o sono. Ela tinha 91 anos...

José – Ah, sim... A minha mulher era um pouco mais nova...

Abutre percebe que Maria está a ouvir a sua conversa com uma curiosidade discreta.

Abutre – Porque não nos vais buscar dois cafés, Maria das Angustias...

Maria – Das dores, Sr. Abutre, Maria das Dores...

Abutre – Tudo bem... Tudo bem... A propósito, sabe como usar a máquina de café expresso?

Maria – Eu posso tentar...

José – Bem apertado, para mim, por favor.

Maria – Apertado... Tal como a votação de hoje, certo Sr. Sapatilha...?

José sorri vagamente. Abutre está visivelmente exasperado.

Abutre – A máquina de café expresso está ali...

Maria sai.

Abutre – Desculpe... É tão difícil encontrar pessoal competente hoje em dia... A minha mulher teve de ficar em casa por causa da gripe. Este ano é realmente muito virulento.

José – A quem o diz... A minha mulher morreu de gripe...

Abutre – Pensei que tinha sido atropelada por um comboio.

José – Ia à farmácia para levar a vacina da gripe...

Abutre – Sempre pensei que era uma vacina perigosa. E asseguro-vos que estou no sítio certo para saber do que estou a falar... Proibi a minha mulher de ser vacinada..

José – A Sra. Abutre está bem?

Abutre – Uma ligeira constipação. Dentro de alguns dias, penso que voltará ao trabalho. É melhor deixar a natureza agir, não acha?

José – Infelizmente, no que diz respeito à minha mulher, foi um arrepio definitivo.

Abutre – Já fez a sua escolha, Sr. Sapatilha? Como pôde ver no nosso catálogo, a nova colecção é absolutamente soberba...

José (*olhando rapidamente para o catálogo*) – Mmm...

Abutre – Como sempre digo aos meus clientes: o preço pago pelo caixão está directamente relacionado com o afecto que temos pelo nosso falecido...

José – Estava a pensar em algo muito simples, na verdade...

Abutre – Estou a ver... Algo elegante, mas discreto ao mesmo tempo... Tem uma ideia do modelo?

José (*apontando para o catálogo*) – Porque não este...

Abutre (*com cara de quem não gostou da ideia*) – Pinho básico. Um modelo descontinuado e actualmente em promoção.

José – Custa 99 euros incluindo impostos, não é assim?

Abutre – Absolutamente, Sr. Sapatilha...

José – Como é para queimar...

Abutre – Tem razão. O pinho será suficiente. Tem sorte, só nos resta um. É um modelo que está a ir depressa neste momento... No que diz respeito a ornamentos, gostaria de propor...

José – O básico.

Abutre – Pinho básico sem opção. Perfeito. Queria ver mais alguma coisa?

José – Por agora é tudo, obrigado...

Abutre – Bem, eu tomo nota disso, Sr. Sapatilha.

Maria chega com o café. Ela entrega uma taça a José e a outra a Abutre.

José – Obrigado Menina?

Maria *(com um sorriso)* – Maria das Dores...

José – Muito apropriado... Sim senhor, muito apropriado...

José esvazia a sua chávena num gole só e faz uma careta. Abutre, intrigado, mergulha os lábios no seu café e olha fixamente para Maria.

Abutre *(com um olhar apologético sobre José)* – Um pouco forte demais, talvez... Não lhe parece senhor Sapatilha?

José – Ah, sim, deve ser isso...

Abutre – Isto ressuscitaria os mortos.

Maria – Deseja uma carícia, Sr. Deputado?

José olha para ela, tentado.

Abutre – Maria das Angústias...

Maria – Das Dores!

Abutre – Penso que a Maria das Angústias lhe propõe provar as carícias da minha mulher.

José – Se for a sua mulher a acariciar, abster-me-ei.

Maria – A abstinência não fica bem num deputado

Abutre – Penso que ela queria dizer abstenção.

José – Percebi, mas eu ainda não sou membro do parlamento...

Abutre – No que diz respeito a carícias, é o nome que damos às bolachas que a minha mulher faz...

O telemóvel de José toca com um alarme estridente.

José – Desculpe-me... *(Atende a chamada)* Sim...? Então, tem as primeiras estimativas? Sim... Sim... sim... Ah... Está bem, vou já para aí... Não, a cerimónia é às onze... É isso mesmo, dentro de uma hora... Mas saberá que será na mais estrita privacidade... Eu não gostaria de explorar a tragédia que me aconteceu para ganhar a simpatia dos eleitores... Lembrou-se de avisar a imprensa? Muito bem, obrigado... Até breve...

Abutre – Bem? E quanto a esta campanha eleitoral, Sr. Sapatilha? Como está a correr?

José coloca mecanicamente o seu telemóvel em cima do balcão e retira dois folhetos eleitorais do seu bolso.

José – Como sabe, normalmente seria a minha mulher a candidatar-se a estas eleições. Mas devido a esta grande tragédia...

Abutre – Compreendo-o perfeitamente...

Maria – Por vezes, os votos dos mortos também contam, mas nunca conseguimos que um fosse eleito para a assembleia...

Abutre – Na verdade, dada a taxa de absentismo no parlamento, não sei se notaríamos logo...

José (*entregando os folhetos a Abutre e Maria*) – Aqui, vou deixar-vos algumas informações sobre o nosso programa.

Abutre – Ah, você tem um programa... Pensei que estava... Não, nada...

José – Para ser honesto, não tenho experiência em política. Mas o partido centrista está a ter tanta dificuldade em encontrar candidatos...

Maria – Sim... É provavelmente o único partido em Portugal que tem ainda menos eleitores do que candidatos...

Abutre olha para ela.

José – Em suma, deram-me a pílula e eu deixei-os fazê-lo... Agora, tenho de sair... Surgiram alguns pequenos problemas...

Abutre – Nada de grave, espero eu?

José – Como não consegui encontrar um suplente, tive de contratar a filha da minha empregada e acabaram de me dizer que ela foi presa por estar a vender o corpo à beira da estrada.

Abutre – Se os candidatos às eleições já não podem oferecer os seus encantos aos eleitores no mercado, para onde vai a democracia?

José – Não é?

Maria – Se está à procura de um suplente, posso ajudá-lo...

José – Porque não...? Vou pensar no assunto, prometo...

Abutre – Estaremos à sua espera na cerimónia, não se esqueça.

José – Claro que sim...

José sai. Abutre olha reprovadamente para a Maria.

Abutre – O que é que eu te disse?

Maria – O quê?

Abutre – Só para atenderes o telefone!

Maria – Só tento ser simpática para os clientes...

Abutre – A mercadoria já chegou?

Maria – Não...

Abutre – Se demorarem muito tempo, ficaremos sem stock.

Maria – Oh, por falar em telefones, esqueci-me de lhe dizer. Vai ficar orgulhoso de mim, acabei de fazer a minha primeira venda.

Abutre (*preocupado*) – Eu disse-te para não tomares quaisquer iniciativas...

Maria – A Sra. Porcina Leitão telefonou. A viúva do deputado. Ela escolheu o modelo de pinho básico.

Abutre – Pinho básico ?

Maria – Sim, eu sei, é a mais barata, mas mesmo assim... Continua a ser uma venda.

Abutre – Só nos resta um no armazém, e acabei de o prometer ao Sr. Sapatilha para a sua mulher!

Chega a Sra. Leitão.

Porcina – Olá, Sr. Abutre Era precisamente a si que eu queria ver...

Abutre – Bom dia Sra. Leitão... e eu sinto muito pelo seu marido. Mas tenho a certeza de que ele aprovaria a sua escolha.

Porcina – Refere-se ao caixão, imagino... É verdade que ele era um homem muito próximo do povo, e que tinha gostos muito simples.

Abutre – Estou a falar sobre a sua candidatura! Para o suceder na assembleia...

Porcina – Oh, sabe, minha cabeça não está muito para política neste momento. (*Ela aproveita a oportunidade para dar dois folhetos eleitorais a Abutre e Maria*) Se os eleitores do meu marido não tivessem insistido que eu concorresse para salvar o seu lugar na assembleia... Mas... vamos falar sobre a cerimónia...

Abutre – Talvez prefira outro modelo mais adequado à sua categoria? A verdade é que o pinho de base para um deputado...

Porcina – Não, não, de modo algum. O pinho fica-me bem. Especialmente porque optei pela cremação...

Abutre – Ah, você também...

Porcina – Desculpe?

Abutre – Não, quero dizer... É uma prática que está a desenvolver-se muito neste momento... Mas não gostaria de dar vista de olhos ao nosso catálogo?

Maria (*comercialmente*) – Esta é a nova colecção. Apenas um olhar rápido, sem compromisso...

Abutre (*mostrando-lhe o catálogo*) – Veja. O modelo estilo Manuelino em mogno... tem uma garantia de trinta anos...

Porcina olha para o catálogo de forma distraída.

Porcina – Não obrigado.

Maria – Por outro lado, o pinho... É um pouco IKEA, não é?

Abutre – Claro que, se escolher um modelo ligeiramente mais caro, estamos mais do que dispostos a considerar uma solução de compromisso. Tirar tempo para pensar sobre isso .

Porcina – Olhe, não tenho mesmo muito tempo, e já está tudo pensado. O pinho básico será óptimo...

Abutre – O que acontece é que...

Porcina – Há algum problema?

Abutre – Lamento muito, Sra. Leitão, mas este produto está temporariamente fora de stock...

Porcina – Mas... esta jovem mulher disse-me ao telefone há pouco que...

Abutre – Tem razão, mas entretanto prometi a última cópia ao Sr. Sapatilha...

Porcina – Sapatilha? O meu adversário nas eleições!

Abutre – É um mal-entendido infeliz, e peço desculpa... Este jovem está apenas a começar na profissão e...

Porcina – Não quero saber disso...

Abutre – Posso oferecer-lhe outro modelo... Vou dar-lhe um desconto... Uma actualização, por assim dizer...

Porcina – Porque não o sugere ao Sapatilha?

Sapatilha está de volta.

José – Acho que deixei o meu telemóvel em cima do balcão. (*Ele fica surpreendido por reconhecer Porcina*). Sra. Leitão...

Abutre – Vocês conhecem-se, penso eu...

Porcina – Um pouco... A Sra. Sapatilha concorreu contra o meu marido nas última eleições.

Abutre – Ah... É quase um assunto de família, por isso...

José – Gostaria de aproveitar esta oportunidade para lhe apresentar as minhas condolências, Sra Leitão...

Abutre – O Sr. Sapatilha é um cavalheiro. Ele concordará sem dúvida em retirar-se a seu favor.

José – O que está a dizer?

Porcina – Parece, Sr. Sapatilha, que não estamos apenas a competir para o lugar como deputado...

Abutre – A minha assistente prometeu à Sra. Leitão o último pinho básico...

Maria (*alegre*) – Vá lá, não é assim tão mau... Também na política se prometem muitas coisas que não são cumpridas...

José – Chegaremos certamente a um acordo amigável... Não é assim, Sr. Abutre?

Abutre – Mas é claro... A nova colecção deverá ser-me entregue a qualquer momento...

O telefone toca e Maria atende.

Maria – Abutre... Impuro Glórias Fúnebres, ao seu serviço. Espere, vou passar. (*Para Abutre*) Para si...

Abutre – Desculpem-me um momento... (*Tomando o receptor*) Sim...? Nem pensar! O seu portador está com gripe? Estás a brincar comigo, certo? Quando? Esta tarde? Não vamos conseguir a tempo... Isto não vai ficar assim, garanto-vos!

Ele desliga com consternação.

José – Bem, não vamos perder tempo... Estou disposto a mudar de modelo, se isso satisfizer a Sra. Barberó. O que me pode oferecer?

Abutre – A verdade é que... Acabei de saber que a entrega que esperava esta manhã foi adiada por algumas horas...

José – E então?

Abutre – O pinho básico foi o último caixão deixado na loja...

José – O último? Quer dizer que...

Abutre – Desculpe, não tenho mais caixões disponíveis neste momento... A menos que voltemos a colocar a Madame Boamorte no frigorífico. O problema é que ela já está na casa funerária com a sua família.

Maria – Oh sim, isso pode ser um pouco complicado...

Desânimo geral.

Porcina – O funeral do meu marido deverá ter lugar às 11 da manhã!

José – A minha mulher também

Abutre (*para si próprio sobrecarregado*) – Um caixão para dois... Era tudo o que precisávamos...

Porcina – Não quer que coloquemos o meu marido e a sua mulher no mesmo caixão, pois não?

José – Não seria muito apropriado, isso é certo...

Abutre – Talvez pudéssemos adiar uma das duas cerimónias para amanhã...?

Maria – Afinal, agora eles não estão com tanta pressa...

Porcina – Eles não o fazem, mas eu sim!

José – Ah, não, amanhã também não vai ser possível para mim... A imprensa já foi avisada...

Porcina – Para o meu marido também... Não há razão para eu deixar a ribalta para o meu oponente!

Abutre – Então, o que é que fazemos?

José – E para a minha mulher, será que preciso mesmo de um caixão?

Abutre – Perdão?

José – Quero dizer... O caixão é apenas para a cremação. Dura apenas alguns minutos.

Maria – É verdade que tudo isto não é muito amigo do ambiente... Estes carvalhos que são cortados para fazer caixões e depois queimados de imediato, não tem sentido.

José – Para não mencionar o fumo e o efeito de estufa.

Maria – Podíamos fazê-lo como na Índia, uma pilha de lenha junto ao rio... e pronto.

Porcina – Sim... Penso que isso agradaria muito à imprensa...

Escuro.

Acto 2

José e Porcina assistem à cerimónia juntamente com um olhar de circunstância nos seus rostos. Ele olha discretamente para o seu relógio.

José – Acha que vai demorar muito mais tempo...?

Porcina – Não sei... Não estou realmente habituada a isto...

José – É esquisito... Não sei porquê, mas sinto-me como se estivesse na maternidade, à espera de um evento feliz...

Porcina (*dando-lhe um olhar preocupado*) – Sim, é estranho...

José – Já sabe o que vai fazer ?

Porcina – Em relação a quê?

José – As cinzas do seu marido... Onde as vai colocar?

Porcina – Não faço a menor ideia... (*Após alguns segundos*) Será que são grandes?

José – Não sei , geralmente entregam-nas em uma urna!

Porcina – Uma urna...?

José – Uma urna funerária...

Porcina – Oh sim, claro...!

José – Sim... Que ironia para um deputado... Para acabar numa urna mas não de voto...

Porcina – E você o que é que vai fazer?

José – Certamente que não o vou pôr no meu quarto...

Porcina – Sim...

José – Talvez espalhá-los no jardim... Estamos autorizados a fazer isso?

Porcina – Penso que sim... A menos que o tenha assassinado primeiro, é claro.

José – Ao mesmo tempo, não sei... Sabendo que o seu cônjuge está espalhado no relvado entre a casa do cão e o churrasco... Isso também é peculiar, não é?

Porcina – Sim...

José – É uma grande decisão. É melhor pensar nisso de antemão. Porque depois, é tarde demais...

Porcina – O aspirador de pó pode ser utilizado...

José – E será que temos mesmo de voltar com eles?

Porcina – Penso que sim... É como na maternidade... Não podemos ir de mãos vazias.

Abutre e Maria chegam, cada um carregando uma urna.

Abutre – Onde estão as placas de identificação?. Qual deles é o deputado?

Maria – Maldição... As placas...

Abutre – Sim, as placas. Cada urna deve ter a sua própria urna.

Maria – Esqueci-me de as colocar...

Abutre – Mas eu disse-te para... Coloca uma nota post-it com o nome em cada urna! Tudo o que tinha de fazer era aparafusar as placas!

Maria – Lamento imenso...

Abutre – Mas sabe em que urna de voto está o deputado?

O embaraçoso silêncio de Maria é uma admissão. Mas Abutre não tem tempo para reagir e José e Porcina olham para eles com um olhar de circunstância. Após uma pequena hesitação, Abutre entrega a sua urna a Porcina, e Maria entrega a dela a José.

Abutre – Vamos deixá-los a recolher os seus pensamentos por um momento sobre as cinzas dos seus respectivos cônjuges... *(Ele sai com um olhar incendiário sobre Maria)* Não sei o que me impede de te cremar também...

Maria – Ao mesmo tempo, se eu não tivesse ido ao IKEA buscar um caixão de pinho...

Abutre – Um caixão do faça-você-mesmo, eu nem sequer sabia que existia

Maria – Pelo menos não estavam esgotados...

Abutre – Sim, mas tem de ver como é difícil fazer com que todas as peças se encaixem?

Maria – Uma vez queimado, ninguém pode dizer se o caixão Abutre Impuro ou IKEA. Não se nota realmente a diferença.

Abutre – Sim, está bem...

Maria – E agora, Abutre ou IKEA, eh? Já não se consegue ver a diferença...

Abutre – Sim, pode dizer-se que... Há uma probabilidade de 50/50 de que neste momento a Sra. Leitão esteja a recolher as cinzas da Sra. Sapatilha.

Maria – E o Sr. Sapatilha sobre o Sr. Leitão.

Abutre – A propósito, não é fácil montar estes caixões em kit...

Maria – Sim... Também se parece muito com a IKEA desse ponto de vista...

Eles partem. José e Porcina parecem estar a pensar profundamente.

José – Somos apenas pó...

Porcina – E nós voltaremos ao pó.

José – Como morreu exactamente o seu marido?

Porcina – Afogado...

José – Afogado...?

Porcina – Ele era um grande pescador perante o Senhor. Ele deve ter caído do seu barco. Só encontraram o seu corpo seis semanas mais tarde.

José – E ele não sabia nadar...

Porcina – Ele nunca me disse... Mas é verdade que nunca o vi nadar quando ele estava vivo.

José – É estranho que ele não soubesse nadar ou pelo menos não usasse colete salva-vidas...

Silêncio vergonhoso

Porcina – E a sua esposa?

José – Um acidente rodoviário.

Porcina – Ah, sim...

José – Numa passagem de nível perigosa... O carro estacionou no meio dos carris. Ela não teve tempo para arrancar...

Porcina – Se eu for eleita, prometo-vos que vou arranjar essa passagem de nível.

José – Obrigado... Se eu for eleito, prometo criar uma lei para que todos os pescadores sejam obrigados a saber nadar!

Ficam em silêncio por um momento, contemplando as urnas de voto.

Porcina – E pensar que foram inimigos nas últimas eleições. E olhe agora para eles. Cada um nas suas próprias urnas.

José – Que pena, os pobres não puderam ver satisfeitas as suas expectativas políticas!

Porcina – Sim...

José – O que... Poder-se-ia dizer que a política não funcionou para eles.

Porcina – Não...

José – Espero que não acabemos da mesma maneira.

Porcina – Bem, pelo menos não de imediato...

José – A propósito, já viu as últimas sondagens que saíram?

Porcina – Sim...

José – Penso que estamos muitos juntos....

Porcina – Não! Parece-me que estou à frente do jogo... O meu marido pode descansar em paz...

José – Diz-se que nas últimas eleições, os seus apoiantes manipularam a urna de voto.

Abutre e Maria regressam.

Abutre – Eles parecem simpatizar um com o outro, finalmente...

Maria – Vai ver, vai acabar em casamento. (*Abutre dá-lhe um olhar reprovador*) São ambos viúvos, não são?

José e Porcina tomam consciência de sua presença.

Porcina – Bem, temos de ir...

Abutre – Leve o seu tempo... Pode ficar o tempo que quiser...

Maria – E será sempre bem-vinda em nossa casa...

Abutre dá-lhe um olhar reprovador.

José – Posso deixá-la em algum lugar? Eu tenho uma pausa...

Porcina – Não sei se devo...

José – Tem razão, desculpe-me... Pode ser... embaraçoso...

Samantha aproxima-se de Porcina.

Maria – Eu ajudo-a... Porque é um pouco pesado...

Porcina – Está bem, obrigado.

Maria faz um movimento desajeitado para agarrar a urna de Porcina. Ao fazê-lo, ela sacode a urna de José, que cai no chão. Alguns dos conteúdos derramam-se no chão. Abutre olha com horror.

Porcina – Oh meu Deus!

Abutre (*devastado*) – É um pesadelo...

Maria – Lamento imenso... Vou já tratar disso...

Abutre – Não toques em nada, eu trato disso...

Abutre desaparece.

Maria – É a primeira vez que isso me acontece, posso assegurar-vos...

Abutre regressa com um avental extravagante, vassoura e pá.

Abutre – Eu trato disso...

Enquanto os outros três olham com consternação, ele varre as cinzas, empurra-as para a pá, e prepara-se para as voltar a colocar na urna. Mas ele recebe a urna errada.

José – Aí não...! Esse é o marido da senhora!

Abutre – Não se preocupe... (*Abutre volta a colocar as cinzas na outra urna*). Agora sim, tudo resolvido...

Maria dobra-se e pega em algo no chão.

Maria – Aqui... O que é isto?

Abutre (embaraçado) – Por vezes há alguns... vestígios de chumbo, por exemplo...

Maria – Ah, sim, de facto... É uma bala de chumbo... E de um grande calibre...

Desânimo geral.

Abutre (examinando a bala) – A sua esposa morreu num acidente de caça?

José – Er, não... Eu disse-vos, de um acidente com uma vacina...

Maria – Ah, sim, mas isto é mais um grande supositório, do que uma vacina não é?

Abutre – Eu diria que é um tiro de chumbo...

Maria – É que, Sr. Sapatilha... Se foi você que confundiu a sua mulher com um javali e isto for divulgado à imprensa, a sua candidatura está terminada.

José pega na bala das mãos de Maria e olha para ela.

José (embaraçado) – Asseguro-vos que não tive nada a ver com isto...

Silêncio envergonhado.

Maria – Ao mesmo tempo... Devo admitir que não tenho a certeza absoluta de que sejam as cinzas da sua mulher.

José – Desculpe?

Maria – Fiquei um pouco confuso nos pratos...

Abutre – Ela quer dizer que este artefacto poderia muito bem ter vindo da urna do Membro do parlamento...

José olha para Porcina, que parece devastada.

José – Estou a ver...

Porcina – Eu posso explicar tudo...

José (surpreendido) – A sério?

Porcina (a Abutre e Maria) – Por favor, deixem-nos por um momento.

Abutre e Maria escapam silenciosamente.

José – Tem alguma coisa para me dizer?

Porcina move-se para arrancar a bala das mãos de José.

Porcina – Dá-me isso!

José – Não tão depressa...

A Porcina descai-se.

Porcina – OK, eu matei-o...

José – Você?

Porcina – O meu marido não se afogou.

José – E fez com que o seu assassinato parecesse um acidente

Porcina – Sim...

José – Mas porquê?

Porcina – Para que eu não seja atirada para a cadeia, obviamente!

José – Não, quero dizer... Porque o matou?

Porcina – Não me diga que não sabia?

José – Sobre o quê?

Porcina – O meu marido andava a trair-me.

José – E porque deveria eu saber sobre isso.

Porcina – Mas porque me estava a trair com a sua mulher! Não sabia disso?

José (*consternado*) – Eu não fazia ideia...

Porcina – Eu matei o meu marido com a sua espingarda de caça. E eu consegui fazer que parecesse um acidente de pesca.

José – Ah, sim, que confusão...

Porcina – No início tudo parecia estar a correr bem... até que o corpo decidiu vir à tona...

José – Infelizmente, o passado vem sempre à tona...

Porcina – Pensei que ao escolher a cremação, ficaria em paz de uma vez por todas... Infelizmente, parece que a bala resistiu ao calor.

José – Mas não houve autópsia?

Porcina – Foi o meu médico de família que assinou a licença de enterro. Ele é bastante velho. Bastante míope. Ele não foi muito cuidadoso.

José – Estou a ver... Mas não está claro para mim que tenha sido um crime passional... Penso que matou o seu marido para manter o seu lugar...

Porcina – A principal razão pela qual me candidato às eleições é para beneficiar da imunidade parlamentar, no caso de alguma vez ser descoberto...

José – Um seguro contra todos os riscos, por assim dizer... Impunidade eletiva...

Porcina – Vai denunciar-me?

José – Depende um pouco de si. (*Mostrando a bala*) Só eu sei disso...

Porcina aproxima-se dele com um ar lascivo.

Porcina – Podes fazer o que quiseres comigo... Eu serei o teu objecto sexual...

Continuando os seus avanços, Porcina também derruba a urna de José, cujo conteúdo se derrama sobre o chão.

José – Se começar por se retirar a meu favor...

Escuro.

Acto 3

O Abutre está na recepção. Maria chega.

Maria – Bom dia...!

Abutre – Olha, olha, estamos a fazer progressos... Apenas meia hora atrasada... Não adormeceu hoje no autocarro?

Maria – Sim... Mas acordei antes do fim da viagem... Sentiu a minha falta, não sentiu?

Abutre – Mmm...

Maria – Como vai o negócio, Sr. Abutre?

Abutre – Bastante calmo neste momento, depois da pequena semana que tivemos.

Maria tira o seu casaco. Ela olha para os painéis eleitorais.

Maria – Sabia que, no final, o centrista ganhou?

Abutre – A Sra. Leitão retirou-se a seu favor...

Maria – Sim, mas ela está na lista como sua adjunta... Eu disse-lhe que isto terminaria num casamento.

Abutre – Você é muito perspicaz.

Maria – A sua esposa está aqui?

Abutre – É na porta ao lado.

Maria (*desapontada*) – Então já não precisa de mim...

Abutre – Bem quero dizer. Ele está aqui, mas... A minha mulher finalmente sucumbiu à gripe.

Maria – Não consigo dizer-lhe o quanto lamento, Sr. Abutre!

Abutre – Obrigado.

Maria – Quando ocorreu a morte?

Abutre – Hoje à noite. Devia finalmente tê-la deixado ser vacinada.

Maria – Pelo menos ele terá um enterro digno.

Abutre – É isso mesmo...

Maria – Agora pode provar o quanto a amava. Como sempre diz: é no preço do caixão que podemos ver o quanto amávamos o nosso falecido... Que modelo escolheu?

Abutre – Pinho básico...

Maria – Ah... sim... a madeira natural é muito mais quente.

Abutre – Muito quente. Finalmente, optei também pela incineração.

Maria – É lógico

Abutre – Agora tenho de procurar um substituto...

Maria – Substitui-la?

Abutre – Sim, aqui na loja.

Maria – Bem, essa tenho de ser eu... Então vai fazer-me um contrato permanente?

Abutre – Em qualquer caso, posso dar-lhe um contrato de experiência. Claro... o lugar de tanatopractor estará vago.

Maria – Tanatopractor?

Abutre – A minha especialidade é fundamentalmente a reconstrução. É um pouco como fazer um quebra-cabeças... muitas vezes sem todas as peças...

Maria – Tal como com a Sra. Sapatilha... é verdade que fez milagres lá...

Abutre – Quando a trouxeram até mim, depois do seu carro ter sido arrastado pelo comboio, ela foi bastante desfeita, pobrezinha.

Maria – Sim, pobrezinha.

Abutre – Em suma, era a minha mulher que lhes dava os retoques finais. Agora que ela se foi... talvez possa tomar conta dos retoques finais.

Maria – Não sei se saberia...

Abutre – Não é muito complicado... Algo como uma esteticista, com a vantagem de que o cliente não se mexe e está sempre feliz.

Maria – Eu posso tentar...

Abutre – É também uma profissão cheia de surpresas. Como pode ver, nunca estamos aborrecidos aqui.

Maria – Podemos até esfregar os ombros com o jacto...

Abutre – Porque um dia ou outro, ricos ou pobres, famosos ou anónimos, todos eles passam pelas nossas mãos.

Maria começa a varrer.

Maria – Vai fazer alguma coisa quanto à bala que encontrámos na urna de voto do deputado?

Abutre – Não somos polícias... Além disso, estamos vinculados pelo segredo profissional. Neste trabalho, somos obrigados a entrar na privacidade das famílias.

Maria – É verdade...

Abutre – Não se pode imaginar o que encontramos nos bolsos do falecido... Uma vez até encontrámos um boletim de apostas com 12 números correctos.

Maria – A viúva ficou feliz.

Abutre – Optei por não lhe dizer nada. Senti que não era a melhor altura.

Maria – Claro.

Abutre – Com esse dinheiro comprei a máquina de café expresso... Por falar em máquina de café expresso, gostaria de um café?

Maria – Porque não...

Abutre desaparece por um momento para ir buscar o café.

Abutre (*fora de cena*) – Na semana passada, por exemplo, encontrei um par de tesouras dentro do cadáver da Senhora Boamorte.

Maria – Teria ela sido assassinado também?

Abutre – Não. Estas eram tesouras de cirurgião. Ela tinha acabado de ser operada por apendicite... Morreu durante a operação...

Maria – Quando puder, dê-me o nome da clínica, para que eu não vá lá...

Volta Abutre com o café.

Maria – Estou-lhe muito grata por confiar em mim. Garanto-lhe que não o desiludirei.

Abutre – Não tenho tanta certeza. Eu já conheço alguns dos seus "talentos...".

Maria encontra algo de estranho entre o lixo que está prestes a apanhar.

Maria – O que pode ser isto?

Abutre aproxima-se, pega nele e olha para ele.

Impuro – Outra bala!

Maria (*a dar-se o ar de perita*) – Então há um cúmplice no assassinato do Sr. Leitão... Mais do que um assassinato, isto parece um pelotão de fuzilamento!

Abutre – Vê demasiada televisão, Maria das Dores... Era uma deputada. É verdade que não era um Kennedy... (*Reflectindo também*) E se esta bala tivesse vindo da segunda urna de voto?

Maria – Inspector Bravo...! Acha que o Sr. Sapatilha também poderia ter morto a sua mulher?

Abutre – Está no reino das possibilidades...

Maria – Mas porquê?

Abutre – Ciúmes! Lembra-se do que costumavam dizer sobre a Sra. Sapatilha?

Maria – Não, nem por isso...

Abutre – Bem, ela tinha um número infinito de amantes.

Maria – Também poderia ter morto a sua esposa para sensibilizar os seus eleitores e assim ter mais hipóteses de ser eleito.

Abutre – Quem sabe!

Maria – Em qualquer caso, goza agora de imunidade parlamentar...

Abutre olha para a janela.

Abutre – Falando do lobo ele aparece...

José Luis e Porcina entram na loja.

Maria – Parece que o negócio está a crescer...

Abutre – Sr. Sapatilha, Sra. Leitão, o que os traz aqui? Mais uma morte na família?

José – Não, nada do género...

Abutre – Em qualquer caso, a sua visita dá-me a oportunidade de o felicitar pela sua eleição, Sr. Sapatilha.

José – Obrigado, Sr. Abutre.

Maria (*a Porcina*) – Deve ter ficado desapontada.

Porcina – Pelo menos eu sou um suplente... O que significa que se alguma coisa acontecer ao Sr. Sapatilha, o seu lugar como deputado irá automaticamente para mim. É por isso que não me afasto dele nem um bocadinho.

Maria – Bem, tenha cuidado porque há balas perdidas que chegam mesmo àqueles que foram pescar.

Abutre – Ou quando se espera silenciosamente numa passagem de nível.

Porcina olha de lado para José Luis que prefere mudar de assunto.

José – Estamos aqui para apresentar as nossas condolências, Sr. Abutre.

Abutre – Por...?

José – A sua mulher não morreu?

Abutre – É verdade! Desculpe, estou tão traumatizado...

José – Em todo o caso, a vida continua...

Porcina – Também queríamos anunciar um evento feliz.

Maria – Está à espera de um bebé?

Porcina – Ainda não...

José – A Porcina e eu vamos casar.

Porcina – Com separação de bens, claro...

Ouve-se a campainha de um forno que acabou de cozer.

Porcina – Estava a cozinhar? É melhor dar uma vista de olhos... Parece que algo está a arder.

Abutre – Ah... Sim... A minha mulher...

José – A sua esposa?

Abutre – Ou melhor... As suas cinzas.

Porcina – Hum...

Abutre – Maria das Dores, importasse de ir ver o que se passa? De momento, não sou capaz de lidar com esse assunto.

Maria – Claro que sim, Sr. Abutre.

José – Temos de sair...

Porcina – Só viemos aqui por causa da coroa.

Abutre – Uma coroa para o casamento?

Porcina – Não, para o funeral da sua esposa.

José – Em nome do ilustre deputado.

Porcina – E da sua adjunta.

José – Pode escolhê-lo você mesmo... E, depois, envie a factura para a conta do Parlamento.

Abutre – Muito obrigado, Sr. Deputado, Sra. Substituta. Posso assegurar-vos que fiquei profundamente tocado pelos vossos detalhes numa altura tão delicada para mim.

Porcina – Até breve, Sr. Abutre.

José (*com um aperto de mão*) – Sr. Abutre...

José Luis e Porcina saem. Entre Maria.

Maria – Já saíram?

Abutre – Tinhas razão... Eles vão finalmente casar-se...

Maria olha para fora da janela.

Maria – Eles ficam tão bem juntos! Era óbvio.

Abutre – Também não me parece que façamos um mau par.

Maria – Acha que sim?

Abutre – Além disso, sou agora viúvo.

Maria – A propósito... Olha o que encontrei entre as cinzas da Sra. Abutre... *(Ela mostra-lhe uma terceira bala)* Pensei que a sua mulher tivesse morrido de gripe.

Abutre – Eu disse-lhe que a gripe foi muito virulenta este ano...

Escuro.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação pública fica sujeita a autorização junto da SACD.

Para aqueles que desejam apenas ler estas obras ou que preferem trabalhar o texto a partir de um formato livro tradicional, uma edição em papel mediante pagamento, pode ser encomendada no site Amazon, a um preço equivalente ao custo de uma fotocópia deste arquivo.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Sexta-Feira 13
Strip Poker
Uma herança pesada
Um pequeno homicídio sem consequência

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas
ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Paris – Março 2022
© La Comédiathèque – ISBN 9978-2-37705-618-7

Documento para download gratuito